



PÓS**COM**

Programa de Pós-Graduação
em Comunicação
e Territorialidades - UFES

ENTRE MÃES E FILHAS: CLAUSURAS SIMBÓLICAS, AUTONOMIA E IDENTIDADE EM *GILMORE GIRLS*

Samantha Pedroso Campos¹

Gabriela Santos Alves²

Palavras-chave:

Gilmore Girls; maternidade; relações intergeracionais; clausura simbólica; teoria feminista

RESUMO EXPANDIDO

A maternidade é frequentemente idealizada como um espaço natural de afeto, cuidado e abnegação, o que tende a silenciar conflitos, frustrações e traumas que a atravessam, especialmente quando mediados por expectativas familiares, normas de gênero e imposições sociais. Como aponta Badinter (1985), o amor materno foi por muito tempo concebido como instinto, naturalizando comportamentos moldados historicamente e culturalmente. Essa construção simbólica transforma a figura materna em modelo e, simultaneamente, em limite para a identidade feminina. Na cultura midiática, tais representações são reforçadas e reconfiguradas por narrativas que exploram as relações intergeracionais, revelando projeções emocionais, repetições inconscientes

¹ Graduanda em Cinema e Audiovisual, Centro de Artes, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pesquisadora de Iniciação Científica, Prppg/UFES, ciclo 2025-2026. samantha.campos@edu.ufes.br.

² Professora Associada do Departamento de Comunicação Social e Docente Permanente do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Territorialidades da UFES. gabriela.alves@ufes.br.

e tentativas de ruptura.

A série *Gilmore Girls* (2000), criada por Amy Sherman-Palladino, propicia um contexto relevante para o estudo dessas tensões ao narrar a vida de três gerações de mulheres - Emily, Lorelai e Rory Gilmore - em que as trocas afetivas revelam tanto heranças emocionais quanto formas invisíveis de clausura. Analisando a primeira temporada, este estudo busca compreender como a maternidade é construída como espaço ambíguo, atravessado por traumas herdados, idealizações e dilemas de autonomia. O trabalho se insere na linha de pesquisa Clausuras: territórios e sentidos dos claustros femininos, especialmente no território das “donas de casa e mães”, articulando também sentidos atribuídos às “loucas” e “santas” na análise das pressões sociais e morais sobre o comportamento feminino.

A fundamentação teórica se apoia em Simone de Beauvoir (1967) para compreender a desvalorização social da mãe solo; em Elisabeth Badinter (1985) para problematizar o mito do amor materno; e em Judith Butler (2003) para discutir a performatividade de gênero e a construção normativa dos papéis maternos. Como observa Butler (2003), compreendem-se como gêneros ‘inteligíveis’ aqueles que articulam coerência entre sexo, gênero, desejo e prática sexual, explicando a forma como a normatividade é reforçada e os desvios são marginalizados. Dialoga-se também com Laura Mulvey (1975), que analisa como o olhar patriarcal no cinema posiciona a mulher como objeto de significação e desejo; e com a reflexão de Virginia Woolf (2014), na qual evidencia a questão do espaço, material e simbólico, como condição de autonomia feminina.

A metodologia se baseia na análise de série, conforme proposta por Arduino (2021), estruturada a partir de tabelas analíticas para cada episódio selecionado. O *corpus* será composto por alguns dos episódios da primeira temporada que evidenciam conflitos familiares e projeções maternais. Cada tabela incluirá minutagem, descrição de cena, personagens envolvidos, transcrição ou resumo das falas e observações críticas, permitindo sistematizar elementos simbólicos e afetivos.

Espera-se que a análise revele como Lorelai, mãe solo, negocia sua autonomia diante

da pressão constante para se enquadrar no ideal conjugal, enquanto Rory vivencia a sobreposição de expectativas escolares, familiares e sociais. Emily, por sua vez, reforça padrões de controle afetivo, ilustrando a reprodução intergeracional de clausuras simbólicas, ao mesmo tempo em que desempenha o papel socialmente esperado de cuidar do marido e projeta, sobre si e sobre sua família, uma imagem adequada aos padrões impostos. A discussão pretende mostrar como *Gilmore Girls*, apesar de seu caráter leve e popular, articula de forma complexa o afeto e o controle, mostrando que a maternidade pode funcionar de forma ambígua, tanto como espaço de conexão quanto de clausura.

Com isso, o estudo busca contribuir para a reflexão sobre as formas contemporâneas de clausura simbólica, evidenciando como o espaço doméstico e os laços maternos continuam atravessados por normas de gênero, funcionando como mecanismos invisíveis de regulação da autonomia feminina, ao mesmo tempo em que abrem caminhos para resistência e resignificação.

REFERÊNCIAS

ARDUINO, Luiz Guilherme de Brito. ***Análise geral de séries na atualidade: uma proposta metodológica***. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Virtual, 4 a 9 out. 2021. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/357018336>. Acesso em: 21 maio 2025.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: A experiência vivida**. Vol 2. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.



PÓS**COM**

Programa de Pós-Graduação
em Comunicação
e Territorialidades - UFES

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GILMORE GIRLS. *Gilmore Girls: temporada 1*. Direção: Amy Sherman-Palladino. Produção: Warner Bros Television. EUA: Warner Bros, 2000. Disponível em: <https://www.netflix.com>. Acesso em: 21 maio 2025.

MULVEY, Laura. ***Visual Pleasure and Narrative Cinema***. *Screen*, v. 16, n. 3, p. 6-18, Autumn 1975.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.